



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Programa de Pós-Graduação em Educação

Mestrado Profissional em Educação do Campo

www.ufbr.edu.br/educampo



ISAAC SOUZA SILVA

**AS DIMENSÕES EDUCATIVAS DE LUTAS E
RESISTÊNCIAS DA COOPERATIVA DE CRÉDITO DA
REGIÃO SERRA GERAL - BA**

**AMARGOSA/BA
2021**

ISAAC SOUZA SILVA

**AS DIMENSÕES EDUCATIVAS DE LUTAS E
RESISTÊNCIAS DA COOPERATIVA DE CRÉDITO DA
REGIÃO SERRA GERAL - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo, Curso Mestrado Profissional em Educação do Campo, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação do Campo.

Orientador: Prof(a). Pós-Doutora Silvana Lúcia da Silva Lima

Amargosa
2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB
Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515

S586d

Silva, Issac Souza.

As Dimensões educativas de lutas e resistências da cooperativa de crédito da região Serra Geral, BA. / Issac Souza Silva. – Amargosa, BA, 2021.

38 fls.; il. color.

Orientadora: Prof. Dr. Silvana Lúcia da Silva Lima.

Artigo (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2022.

Bibliografia: fls. 37 - 38.

1. Educação do Campo. 2. Educação. 3. Cooperativismo. I. Lima, Silvana Lúcia da Silva. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

ISAAC SOUZA SILVA

**AS DIMENSÕES EDUCATIVAS DE LUTAS E
RESISTÊNCIAS DA COOPERATIVA DE CRÉDITO DA
REGIÃO SERRA GERAL - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo, Curso Mestrado Profissional em Educação do Campo, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação do Campo.

Aprovado em 21 de dezembro de 2021.



Silvana Lúcia da Silva Lima – Orientador

Pós-Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Tatiana Ribeiro Velloso

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Pós-doutor em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela
Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho é dedicado aos homens e mulheres que
construíram e mantem viva a luta dos movimentos
sociais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha gratidão, a todos que de alguma forma contribuíram para a construção deste trabalho. E em especial a minha família e amigos, que me deram forças desde o processo seletivo para ingressar neste programa até este momento.

Da mesma forma agradeço ao Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e o PPGEDUCAMPO por me acolher e possibilitar desenvolver este trabalho, bem como, aos colegas da turma 7 por todo que compartilhamos.

À Professora Pós- Doutora Silvana Lima por me orientar no início e final desta pesquisa, igualmente a Professora Dr.^a Priscila Brasileiro por me acompanhar em uma parte deste percurso. À Universidade do Estado da Bahia -UNEB DEDC Campus XII, Guanambi- Ba, Curso de Pedagogia, especialmente a Professora Dra. Tatyane Marques por me receber e acompanhar na Atividade de Docência no Ensino Superior.

Agradeço a Cresol Encostas da Serra Geral por toda colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa, do mesmo modo, aos colaboradores deste trabalho que concederam entrevistas. Também, a equipe e direção da COOTRAF e COOMADAC que me incentivam, por compreenderem a importância desta formação não só para mim, mas de modo igual aos movimentos sociais da Região Serra Geral.

Em suma, à todos vocês, que são muitos, agradeço essa conquista que é o Título de Mestre em Educação do Campo.

RESUMO

Este artigo é produto final da pesquisa desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, tendo por objetivo compreender as dimensões educativas que perpassaram os processos de construção, lutas e resistência da Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral – BA. Na qualidade de estudo de caso, definimos como instrumentos de coleta de dados, por conta da pandemia da COVID-19, utilizamos as entrevistas online via aplicativos de mensagens, roda de conversas virtuais, diário de campo e análise documental. As categorias de análise na pesquisa foram: Educação Popular, Cooperativismo de Crédito e, Agricultura familiar. A pesquisa evidenciou que a cooperativa foi criada enquanto instrumento da economia solidária com base na produção agropecuária familiar e que, para avançar, o Sindicatos do Trabalhadores Rurais da Central Única dos Trabalhadores (CUT) organizou diversos processos formativos resultando nas mobilizações populares a partir de ações educativas com raízes na Educação Popular, propulsora de (re)existências que integra as finanças solidárias articuladas com a organização da agricultura familiar. Tal perspectiva pode ser apresentada como uma prática da Educação do Campo no contexto do desenvolvimento territorial.

Palavras-Chave: Educação Popular; Práticas Educativas; Cooperativismo de crédito; Agricultura familiar.

RESUMEN

Este artículo es el producto final de la investigación desarrollada en la Maestría Profesional en Educación Rural de la Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, con el propósito de comprender las dimensiones educativas que atravesaron los procesos de construcción, luchas y resistencias de la Cooperativa de Crédito de la Región de Serra Geral - BA. Como estudio de caso, definimos como instrumentos de recogida de datos, debido a la pandemia de COVID-19, el uso de entrevistas en línea a través de aplicaciones de mensajería, rondas de conversación virtuales, diario de campo y análisis de documentos. Las categorías de análisis en la investigación fueron: Educación Popular, Cooperativismo de Crédito y Agricultura Familiar. La investigación mostró que la cooperativa fue creada como instrumento de la economía solidaria basada en la producción de la agricultura familiar y que, para avanzar, los Sindicatos de Trabajadores Rurales de la Central Única de los Trabajadores (CUT) organizaron diversos procesos de formación que resultaron en movilizaciones populares a partir de acciones educativas enraizadas en la Educación Popular, un motor de (re)existencia que integra las finanzas solidarias articuladas con la organización de la agricultura familiar. Esta perspectiva puede presentarse como una práctica de la Educación de Campo en el contexto del desarrollo territorial.

Palabras-Claves: Educación Popular; Prácticas Educativas; Cooperativismo Crediticio; Agricultura Familiar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização dos Municípios da Região Econômica Serra Geral.....	19
Figura 02	Assembleia de fundação da cooperativa Ecosol Serra Geral.....	20
Figura 03	Área de abrangência da cooperativa na região Serra Geral.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADS	Agência de Desenvolvimento Solidário
AMA	Agentes Multiplicadores de Assistência Técnica e Extensão Rural
ASCOOB	Associação das Cooperativas de Apoio a Economia Familiar
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BCB	Banco Central do Brasil
CEDITER	Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra
COOMADAC	Cooperativa Mista Agropecuária Para o Desenvolvimento Auto Sustentável da Agricultura Familiar Ltda
COOTRAF	Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar
CRESOL	Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECOSOL	Cooperativa de Crédito Rural de Economia Solidária
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FETAG	Federação dos Trabalhadores na Agricultura
FETRAF	Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
FGCOOP	Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito
PCdoB	Partido Comunista do Brasil

PPGEDUCAMPO	Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PT	Partido dos Trabalhadores
SFN	Sistema Financeiro Nacional
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNITRABALHO	Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Percurso metodológico da pesquisa.....	15
A REGIÃO SERRA GERAL E A COOPERATIVA DE CRÉDITO DA SERRA GERAL.....	18
COOPERATIVISMO POPULAR E SOLIDÁRIO E A AGRICULTURA FAMILIAR.....	26
AS DIMENSÕES EDUCATIVAS DAS PRÁTICAS COOPERATIVISTAS NA CRESOL SERRA GERAL.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

O cooperativismo é um movimento social que tem sua origem embasada nas relações sociais do trabalho. O termo significa trabalho em conjunto, tendo como referência a criação da primeira cooperativa na Inglaterra em 1844, período pós revolução industrial. Walter Frantz (2012, p. 16) explica que “as transformações da era industrial alteraram em muito, a vida das pessoas. Embora tivessem aparecido muitos benefícios, também foram grandes os problemas. O cooperativismo nasceu da reação aos problemas sociais da época”.

Segundo Paul Singer (2002, p. 10-24), o cooperativismo coexiste às perspectivas da economia solidária. O autor explica que o cooperativismo nasce na conjuntura da I Revolução Industrial, pautando um outro modelo de produção, tendo como base a propriedade coletiva ou associada do capital, bem como o direito à liberdade individual e a autogestão. E os princípios da economia solidária estão presentes nos referenciais brasileiros dos povos originários e das comunidades quilombolas, assentados nos ideais democráticos e na participação social.

Considerando que a Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral - Cresol Encostas da Serra Geral é um empreendimento solidário, e comprometido com a qualidade de vida dos seus cooperados que são agricultores familiares e, almejando contribuir com o seu desenvolvimento, definimos como objetivo geral da pesquisa recuperar e sistematizar o processo de formação da sua base. A relação entre a Cooperativa e seus cooperados orientou a definição da questão de pesquisa: como os sujeitos que hoje estão à frente da organização e os cooperados percebem a Cresol Encostas da Serra Geral? O empreendimento analisado é visto como uma cooperativa ou como um “banco” mais viável? Que processos formativos contribuíram com a formação da Cresol?

Por isso, neste trabalho incorporamos a concepção e perspectiva contra hegemônica de cooperativa que tem como objetivo minimizar os problemas de um determinado grupo social, contrapondo ao modelo capitalista de produção, buscando desta forma a melhoria de vida dos sujeitos envolvidos e no contexto histórico não só da sobrevivência imediata, mas da defesa de seus territórios e de seus modos de vida no contexto do desenvolvimento territorial.

Na pesquisa buscamos resgatar as movimentações da sociedade que culminaram na criação da Cooperativa de Crédito da região Serra Geral, entre elas o trabalho de base

realizado pelo sindicato que aqui consideramos como práticas educativas que sustentaram sua base até os dias atuais. Tal trabalho elevou o nível de entendimento dos objetivos da instituição, uma temática suleadora de futuras formações.

O Objetivo Geral é compreender as dimensões educativas de lutas e (re)existências da Cooperativa de Crédito da região Serra Geral -Ba e os objetivos específicos são: Explicitar a luta do cooperativismo na região Serra Geral; Construir um instrumento de formação para o quadro de diretores, colaboradores e cooperados; Estimular a ampliação do sentimento de pertencimento dos cooperados e da população local para com a cooperativa; Solidificar a base da cooperativa acerca da sua importância enquanto instrumento cooperativo popular. Portanto, ele carrega em si as diversas possibilidades de intervenção, e tem o propósito de orientar os futuros processos formativos da cooperativa em estudo, bem como, de outras organizações sociais, que dialogam com um aspecto fundamental da Educação Popular que é a construção do conhecimento com capacidade de promover a transformação da realidade local.

A escolha do tema e do objeto de pesquisa é fruto do nosso envolvimento pessoal com a Cresol Encostas da Serra Geral. Em 2012, ao completar 18 anos, quando ainda cursava o Curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Caculé, me cooperei na Ecosol Serra Geral, e desde então participo ativamente das discussões que envolvem a cooperativa, compreendendo sua importância, a organização dos cooperados e, a importância do crédito solidário no potencial transformador da realidade local e, conseqüentemente na qualidade de vida dos sujeitos pertencentes. A pesquisa nos ajudou a tecer considerações sobre esta leitura sob a Cresol. A vivência pessoal, as leituras, as entrevistas e as conversas virtuais nos permitiram acessar e apresentar diversas reflexões acerca do cooperativismo enquanto proposta contra hegemônica e suas dimensões educativas.

Mas, ainda cabe apresentar as motivações do recorte da pesquisa considerando a trajetória do pesquisador. Como membro da referida cooperativa, nossa percepção inicial apontou para a força do cooperativismo popular, produto de um longo processo de convencimento das primeiras lideranças a partir de práticas educativas que acompanharam todo o percurso histórico social da cooperativa.

Em 2019, ingressamos no PPG Educampo com outra proposta de pesquisa. No entanto, após cursar o componente Educação do Campo, Cooperativismo e o Projeto Popular para a Agricultura Camponesa percebemos o quanto nossa trajetória de vida está ligada a essa temática optando em mudar nosso objeto de pesquisa.

As leituras dos textos de, Caldart (2012 e 2021), Locatelli e Lima (2018), Pereira (2015), Silva (2001) e Velloso (2016) foram também fonte de inspiração para nossa pesquisa, bem como a obra *Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária*, de Walter Frantz (2012, p. 41), que nos ensina que “o associativismo e o cooperativismo são práticas sociais com validade atual e pertinentes à realidade de um mundo em transformação. O seu sentido econômico lhe empresta importância política e social. Para muitas pessoas, ou grupos sociais, hoje, a associação e a cooperação tornam-se, novamente, elementos fundamentais à construção de seus espaços de vida”.

Por comungar com o pensamento de Frantz e por ter nossa vida marcada pela participação nas lutas sociais, vimos na pesquisa do mestrado a oportunidade de potencializar a Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral.

Percurso metodológico da pesquisa

Para atingir o objetivo proposto, recorreremos a uma metodologia que propiciou o desenvolvimento da pesquisa de forma coesa, a luz de Bernadette Gatti (2002), para quem a pesquisa é, primeiramente, “obter conhecimentos sobre alguma coisa”. Assim, nesse percurso, a escolha metodológica foi o que suleio esse processo de conhecimento. Diante disso, entendemos que a construção desse trajeto é, além de formativa, desafiadora pois nos impõe romper com uma lógica única de entendimento da realidade e de construção do conhecimento ainda predominantemente positivista. Portanto, a metodologia qualitativa nos guiou, segundo Godoy (1995).

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 02).

O estudo se agarrou às diferentes fontes no intuito do cumprimento do seu propósito, e em posse desses resultados, tanto a cooperativa estudada quanto o PPG Educampo pode criar e/ou propor intervenções dentro do debate acerca da formação popular no cooperativismo. Desse modo, esta pesquisa tem como principal molde o estudo de caso. Yin (2001, p.109) elenca seis fontes de evidências para um estudo de caso, sendo:

documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos, este autor considera o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa abrangente que responde às perguntas “como” e “por que”.

Trazendo o estudo de caso na conjuntura metodológica da nossa pesquisa, buscamos aqui compreender como se constituem as dimensões educativas de lutas e resistências da Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral - BA, bem como, por que esse processo foi e é importante para a sustentação de sua base. Com esse entendimento, os instrumentos de apreensão da realidade foram de base documental como as atas e demais documentos ligados à cooperativa, além das rodas de conversas e entrevistas, assim como o envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa.

Salientamos que devido a pandemia da COVID-19, essas entrevistas foram realizadas de forma online, através do uso de aplicativos de mensagens e videoconferência como o Google Meet, e sendo os participantes, lideranças que contribuíram com o desenvolvimento da cooperativa até a atualidade. Após as entrevistas analisamos os dados obtidos para compreensão do fenômeno estudado e, posteriormente faremos uma apresentação junto aos cooperados.

Este estudo parte ainda da necessidade de se produzir um instrumento de cunho formativo e informativo acerca da caminhada do cooperativismo de crédito na região Serra Geral-Ba, com potencial de elevar o sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvido com este aparelho cooperativo. Este sentimento de pertencimento parte da forma que foi construída essa experiência, sendo através de muitas atividades formativas, no contexto da educação do campo no espaço não formal da educação, discussão sobre o “novo” sindicalismo, com a integração da CUT poro meio do projeto Semear que culminou na criação da FETRAF; a ADS/CUT e a ECOSOL.

Por tanto, procura dialogar com o público participante, os cooperados e cooperadas, da mesma forma com a comunidade local. Assim, a presente pesquisa busca servir como instrumento de formação do quadro de diretores e colaboradores, que posteriormente estarão formando os atuais e futuros cooperados, através do desenvolvimento do sentimento de pertencimento, com objetivo de solidificar a base da cooperativa acerca da sua importância enquanto cooperativa, pois a partir do olhar do pesquisador, entende -se que a cooperativa vista pela maioria dos sócios como um “banco” mais viável, não é o caminho a se trilhar, logo, ela terá que contar com sócios comprometidos nas questões da cooperativa, e sobretudo os sujeitos que estão na linha de

frente, e para isso é preciso de formação, e formação que atinja além do operacional, que possa perpassar o contexto histórico, político e educacional da organização.

Um banco oferece os produtos e serviços aos seus clientes, processo esse que gera lucros que ao fim do ano é absorvido pelos seus donos (acionistas), no entanto o acesso a esses produtos e serviços é ofertado de forma seletiva, fazendo com que “quanto mais pobres as famílias e as regiões em que vivem, menos os bancos e outros agentes financeiros fazem parte dos círculos sociais de proximidade nos quais se apoiam os indivíduos em sua reprodução social.” (SILVA, 2017, p.13). Desta forma o sistema financeiro é excludente tanto na dimensão socioeconômica quanto territorial. Já uma cooperativa de crédito busca a inclusão de determinado grupo social no acesso ao crédito, e se tratando de uma cooperativa de crédito no contexto rural, ela pauta a inserção dos agricultores e agricultora familiares, e estes que são os responsáveis por movimentar e gerir a organização, e ao fim de cada ano na assembleia geral decidir a destinação das sobras ou perdas.

A pesquisa foi realizada na Região Serra Geral- Ba, entre março de 2020 a novembro de 2021, onde recorreremos a análise documental como ATAS, fotos e demais relatórios da Cresol Serra Geral. Teve como fontes orais atores históricos que tiveram uma trajetória de vida junto aos movimentos sociais e conseqüentemente, a cooperativa de crédito, participando assim do processo de construção e/ou desenvolvimento da cooperativa até os dias atuais, a saber:

- Entrevistado 01. Joaquim Santos Silva: foi diretor presidente da Ecosol Serra Geral entre 2005 e 2008. Posteriormente foi para a direção da Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar-COOTRAF e, atualmente é o Secretário de Agricultura e meio Ambiente do município de Caculé;
- Entrevistado 02. Ivanete Souza Silva: assumiu o cargo de Diretora Administrativa na Ecosol Serra Geral em 2008 enquanto ainda era aluna do Curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Caculé e na atualidade é Coordenadora da Agência da Cresol Encosta da Serra Geral em Caculé;
- Entrevistado 03. Luciene Ribeiro dos Santos: foi a primeira mulher presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caculé e atualmente é Coordenadora de Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural -ATER na COOTRAF;

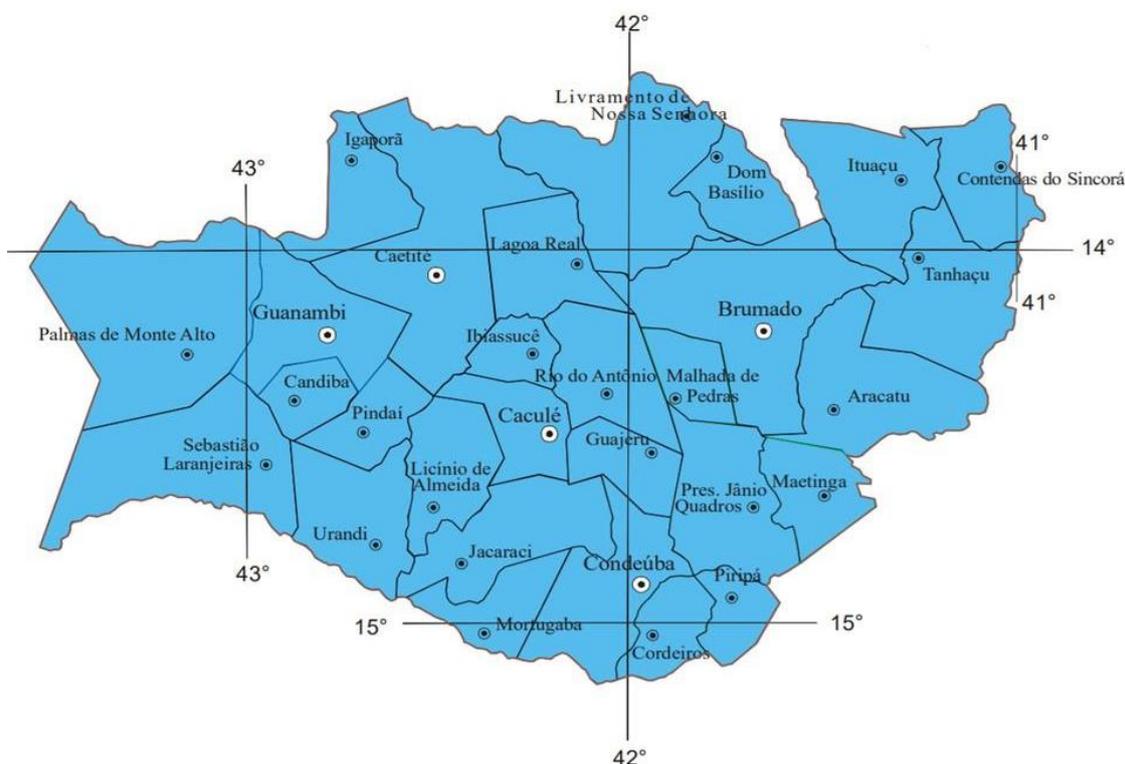
- Entrevistado 04. Edgar Souza Santos Filho: foi técnico do Projeto de Assistência Técnica da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do estado da Bahia -FETRAF em 2008 e, atualmente é diretor presidente da COOTRAF.

A escolhas destes colaboradores, se embasa em suas caminhadas em prol do movimento cooperativista na Região Serra Geral-BA, bem como no envolvimento com as práticas educativas, sendo assim suas colaborações são imprescindíveis para cumprir o objetivo desta pesquisa. Para isso, aos entrevistados foram feitas perguntas quanto às dimensões Educativas de lutas e resistências da cooperativa.

A REGIÃO SERRA GERAL E A COOPERATIVA DE CRÉDITO DA SERRA GERAL

A Serra Geral é uma região política administrativa do estado da Bahia, com 29 municípios sendo os principais Caetité, Brumado e Guanambi. Os municípios que compõem essa região quase em sua totalidade foram emancipados a partir de Caetité, tendo uma centralidade no processo de colonização regional, como justifica Silva (2008, p.1) “o que prevaleceu, logicamente, na definição dos espaços ocupados foram elementos como a fertilidade da terra, clima ameno e abundância de água e outros recursos naturais, a exemplo de madeira e minérios existentes na região”, a colonização ocorrida nesta conjuntura era sustentada principalmente pela pecuária e mineração tendo como base a mão de obra escravizada.

Figura 01- Localização dos Municípios da Região Econômica Serra Geral



Fonte: SEDIR (2017).

Disponível em: <https://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/B_AHIA_PDRS-SERRA-GERAL.pdf>

Na atualidade estes municípios estão distribuídos nos territórios de identidade Sertão Produtivo, Sudoeste Baiano e, no caso específico do município de Igaporã, no Território Velho Chico e o território de abrangência da cooperativa está distribuído nos municípios: Boquira, Caculé, Caetité, Condeúba, Cordeiros, Guajeru, Guanambi, Ibiassucê, Igaporã, Jacaraci, Lagoa Real, Licínio de Almeida, Macaúbas, Maetinga, Malhada de Pedras, Matina, Mortugaba, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Piripá, Riacho de Santana, Rio do Antônio e Urandi,

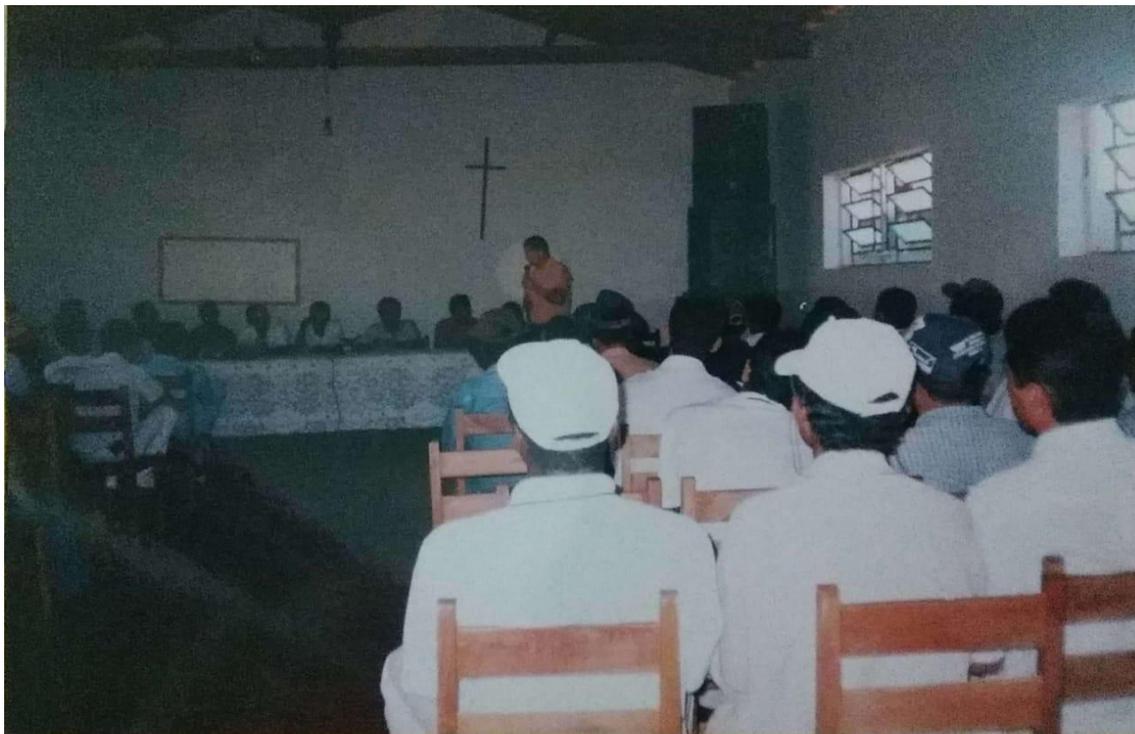
Nos anos 2000, a região Serra Geral foi movimentada por um conjunto de sujeitos inspirados no chamado “um novo sindicalismo”, através das articulações movidas principalmente pelos sindicatos dos trabalhadores rurais. Tinham em seus horizontes a construção de instrumentos para a agricultura familiar, no intuito de viabilizar algumas pautas consideradas prioritárias para a categoria, sendo elas: a comercialização, o crédito e a Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER.

No ano de 2000, em Caetité foi fundada a Cooperativa Mista Agropecuária Para o Desenvolvimento Auto Sustentável da Agricultura Familiar Ltda - COOMADAC, com

propósito da organização e comercialização dos produtos da Agricultura Familiar. Logo após, em 2002, em Caculé, o mesmo movimento criou a Cooperativa de Crédito Rural de Economia Solidária Serra Geral - Ecosol Serra Geral, com objetivo de ofertar o crédito acessível e desburocratizado. Em 2004, com grande participação da Região Serra Geral - BA surge a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do estado da Bahia - FETRAF- BA, a partir do projeto Semear na relação da CUT com a FASE. Neste mesmo ano, em Caetité, é criada a Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar - COOTRAF com objetivo de oferecer a ATER aos agricultores e agricultoras familiares.

Ao longo dos anos, as três cooperativas caminharam juntas na busca do desenvolvimento da agricultura familiar na região, dando importantes passos. Com a criação da cooperativa de crédito, a Serra Geral agigantou-se, transformando assim em uma referência no segmento de instituição financeira cooperativa. A Figura 2 retrata a Assembleia de fundação da Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral-ECOSOL, em 06 de abril de 2002.

Figura 02-Assembleia de fundação da cooperativa Ecosol Serra Geral



Fonte: Cresol Encosta da Serra Geral, Acervo, 2002.

A cooperativa da Serra Geral foi criada não apenas como uma simples instituição financeira, ela traz um profundo ensaio de como essa organização tinha potencial de mudar a realidade dos povos do campo, como é descrito no seu Histórico:

A ECOSOL SERRA GERAL nasce após amplo debate onde agricultores familiares começaram a discutir a constituição de uma cooperativa de crédito rural que viesse a contribuir para uma maior democratização do acesso ao crédito e a serviços financeiros. No ano de 2001 inicia-se através de reuniões de sensibilização e de mobilização coordenadas por alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais da Região de Serra Geral e pela COOMADAC – Cooperativa Mista Agropecuária Para o Desenvolvimento Auto Sustentável de Caetité e Região um processo ao qual culmina em abril de 2002 com a criação da ECOSOL SERRA GERAL, composta por 86 associados com o objetivo de fortalecer a consolidação de um Sistema de Crédito Solidário dentro de uma concepção rural de instrumento de fortalecimento da Agricultura Familiar e de promoção do desenvolvimento territorial sustentável. Em dezembro de 2002 nasce o Sistema Nacional de Cooperativas de Economia e Crédito Solidário – ECOSOL, onde a ECOSOL SERRA GERAL participa da formulação do estatuto e do manual de Gestão da Cooperativa Central deste sistema. (ECOSOL SERRA GERAL, Histórico, 2010).

Uma cooperativa se difere de uma empresa capitalista principalmente pelo fato de não ter como objetivo o lucro e ser gerida pelos seus cooperados, de forma democrática, a partir da Assembleia Geral que acontece anualmente. Na assembleia, os cooperados aptos a votar conforme o estatuto social decidem os rumos da organização, deste modo é apresentado a prestação de contas, bem como as perdas ou sobras. Uma cooperativa de crédito é um empreendimento de finanças solidárias que

atuam no sentido de propor sistemas alternativos de concessão de crédito para públicos residentes em áreas geralmente excluídas pelo sistema financeiro tradicional, como periferias urbanas e zonas rurais, levando em conta as características próprias da dinâmica territorial na qual se inserem. (SILVA, 2017, p.8).

Desta forma uma cooperativa cumpre um importante papel na inclusão de seus cooperados, no entanto tem grandes desafios, para se manter, de acordo as normativas do Sistema Financeiro Nacional (SFN) a qual impõe critérios de análise de viabilidade, sem considerar a especificidades no contexto em que cada cooperativa está inserida.

A Região Serra geral, com a criação da ECOSOL passa a contar com uma importante ferramenta, a serviço dos agricultores e agricultoras familiares, que puderam cooperar tanto através de pessoa física quanto jurídica, neste momento sendo as associações comunitárias. Nos primeiros anos a cooperativa detinha baixo número de cooperados e pouca movimentação, o que acarretava em um valor baixo de recurso proveniente de receitas operacionais, chegando inclusive a registrar perdas como é o caso do ano de 2008.

Foi registrada uma perda de R\$ 15.168,07 (quinze mil cento e sessenta e oito reais e setenta centavos) o que compete a Assembleia fazer sua destinação. O presidente informou que as perdas mencionadas foram rateadas entre os 295 cooperados, sendo um montante individual de 51,42 (cinquenta e um reais e quarenta e dois centavos). (ECOSOL SERRA GERAL, ATA Sumária de Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária, 2008).

Esse processo de rateio de perdas entre os cooperados, limitava o desenvolvimento da cooperativa, fazendo com que a mesma se mantivesse de pé mediante o esforço dos seus cooperados que ali chegavam e continuavam a acreditar nos anseios do cooperativismo. De acordo com outras Atas da cooperativa, foram registradas sobras nos dois anos seguintes, sendo 18,3 mil reais em 2009 e 9,4 mil em 2010. Porém essa não era uma realidade de todas as cooperativas filiadas à Cooperativa Central de Crédito e Economia Solidária - Ecosol Central, como explica Ivanete Silva ex-diretora da central

O sistema Ecosol inicialmente tinha sede em São Paulo e tinha cooperativas de setores diferentes, e em meados de 2009 o sistema mudou para Pernambuco, passando a compor apenas as cooperativas de Créditos. Foram experiências boas, mas também difíceis, pois a maioria das cooperativas singulares não tinham resultados operacionais suficientes para manter o sistema. Foram vários ofícios recebidos do Banco Central, nessa época, diante das dificuldades, o sistema contou com apoio e parcerias da Cresol Central, Cresol Baser e ASCOOB, foram realizados cursos sobre gestão e outras atividades no intuito de organizar o sistema Ecosol e suas singulares. Depois de muito trabalho e diálogo e as singulares ainda como poucos produtos e serviços e não geravam receitas operacionais satisfatórias em 2013 o sistema Ecosol foi findado. (Entrevistado 02).

Com a liquidação da central as cooperativas singulares ficaram com autonomia para migrar para um sistema do seu interesse, as cooperativas de Caculé, Oliveiras dos Brejinhos e Tabocas do Brejo velho se filiaram ao Sistema Cresol Central SC/RS em 2014 passando a adotar o nome de CRESOL e não mais Ecosol.

Após explicitados os motivos e esclarecidas as dúvidas, em regime de votação e por aclamação foi aprovado, por unanimidade dos presentes a Filiação ao Sistema Cresol Central SC/RS, passando assim a COOPERATIVA DE CREDITO RURAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DE SERRA GERAL – ECOSOL SERRA GERAL a chamar-se COOPERATIVA DE CREDITO RURAL COM INTERAÇÃO SOLIDÁRIA DE SERRA GERAL – CRESOL SERRA GERAL. (ECOSOL SERRA GERAL, ATA Sumária de Assembleia Geral Extraordinária, 2014).

Agora a cooperativa passa a contar com uma maior possibilidade de produtos e serviços a serem ofertados aos seus cooperados, levando em conta que antes só oferecia os serviços básicos em operações financeiras, passa a operar linhas de créditos importantes como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, e a disposição de cartões-crédito e débito, esse processo deu maior solidez para a base da cooperativa.

Outro ponto primordial nessa nova referência em instituição financeira foi a adoção do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito-FGCooP, o mesmo foi criado pelo Banco Central do Brasil-BCB através da Resolução nº 4.284, de novembro de 2012, “Art. 3º O FGCoop tem por objeto prestar garantia de créditos contra as instituições

associadas, referidas no art. 10 deste Estatuto, nas situações de decretação da intervenção ou da liquidação extrajudicial de instituição associada.”(Banco Central do Brasil, 2013)

Desta forma, o fundo garante às organizações associadas maiores segurança em suas operações, dando assim maior confiabilidade nas instituições financeiras cooperativas, desse modo o fundo resolve um problema antigo da cooperativa da Serra Geral, sempre as pessoas questionavam: e se a cooperativa “quebrar”? Os cooperados que arcam com o prejuízo? e perdem seus investimentos? Isso se dava por conta de precedentes de cooperativas que foram criadas e deixaram prejuízo aos seus cooperados o que em parte dificultou o avanço da base da Cresol Serra Geral.

Dentro do movimento cooperativista não há unicidade, Segundo Velloso (2016 apud SINGER, 2000, p.371)

existem dois tipos de cooperativas: de um lado, a autêntica que é socialista, igualitária, solidária e democrática, onde a igualdade faz sentido; e de outro lado, cooperativas de visão essencialmente capitalistas, como as agrícolas onde grandes fazendeiros exploram pequenos proprietários, provendo de benefícios estatais. Esses tipos representam duas correntes do movimento cooperativista: a que usa o cooperativismo para reforçar os princípios liberais, representada pelos líderes das cooperativas agropecuárias brasileira; a corrente que entende o cooperativismo como um instrumento para negar a ordem liberal e servir como alternativa aos efeitos negativos causados pelo capitalismo globalizado e de promoção do desenvolvimento territorial.

Com a adesão ao FGCoop, a cooperativa deu uma resposta a essas indagações e aprofundou o discurso de uma instituição segura para seus cooperados, pois se um dia a cooperativa por algum eventual problema vier a liquidar-se o fundo garante a restituição no limite até 250 mil reais em conta de cada cooperado, no entanto, o FGCoop atende a lógica da visão da corrente cooperativista capitalista.

O cooperativismo tem 7 princípios fundantes, sendo: Adesão voluntária e livre, Gestão democrática pelos membros, Participação econômica dos membros, Autonomia e independência, Educação, formação e informação, Intercooperação e Interesse pela comunidade. Uma cooperativa de crédito é diferente de todas as outras pois, no caso do Brasil ela faz parte do Sistema Financeiro Nacional (SFN) que é regulamentado pelo Banco Central do Brasil - BCB, este determina limites mínimos de capital e patrimônio, na direção do cumprimento destas prerrogativas cooperativas pequenas para se manterem vivas lhes restam algumas opções:

- I. Mobilizar cooperados para integralizar mais capital social;
- II. Fazer incorporação com outras cooperativas com maior capital e patrimônio;
- III. Se capitalizar através de sua cooperativa central.

“O Capital Social é o somatório de todas as quotas-partes dos associados da cooperativa. A quota-parte é uma quantia em dinheiro que os associados depositam no momento em que entram na Cooperativa”. (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2016), nas cooperativas de crédito esse termo também é conhecido como cota capital. Em outras tipologias cooperativistas, o capital social é determinado pela assembleia de fundação no seu estatuto. E nas cooperativas de crédito são determinadas pela especificidade de integração no SFN.

As Cooperativas Cresol Serra Geral e Cresol Tabocas do Brejo Velho por não conseguirem atender os limites mínimos exigidos pelo Banco Central do Brasil (BCB) e com orientação da Cresol Central realizaram o processo de incorporação com a Cooperativa Cresol Encosta da Serra Geral de Santa Rosa de Lima - SC, em 2017, conforme apontado em relatório apresentado pela comissão mista de incorporação:

Os dados econômicos financeiros das cooperativas mostram situação patrimonial insuficiente para garantir a sustentabilidade. A Cresol Tabocas do Brejo Velho tem PR de 385 mil reais, capital insuficiente para garantir sustentabilidade operacional. A Cresol Serra Geral está desenquadrada no PL mínimo conforme artigo 60, inciso I da Resolução 4.435/2015. (CRESOL ENCOSTAS DA SERRA GERAL, Relatório da Comissão Mista de Incorporação, 2017).

Essa situação norteou a necessidade de realizar a incorporação, sendo uma estratégia unir cooperativas de menor capital com uma de maior capital. Esse processo permitiu a oferta de crédito com menor taxa de juros e ampliou a capacidade de investimento da cooperativa, que determinava a sua viabilidade. Sendo assim, a cooperativa da região Serra Geral não é mais uma cooperativa singular, e está organizada da seguinte forma em que apresentamos no mapa da área de abrangência na Figura 3.

Figura 03-Área de abrangência da cooperativa na região Serra Geral



Fonte: Cresol Encosta da Serra Geral, Plano de Expansão (2021).

Desse modo, na atualidade a antiga Ecosol está distribuída em duas agências, uma em Caculé e outra em Caetité:

- ❖ Estrutura da área de abrangência da Agência Cresol Serra Geral-Caculé:
 - Cresol Une Guajeru;
 - Cresol Une Mortugaba;
 - Cresol Une Licínio de Almeida (em processo de implantação-2021).
- ❖ Estrutura da área de abrangência da Agência Cresol Caetité:

- Cresol Une Riacho de Santana;
- Cresol Une Pindaí (em processo de implantação-2021).

A Cresol Une é uma unidade de negócios, onde trabalha todos os produtos e serviços disponíveis nas cooperativas do Sistema Cresol Central. Como: financiamentos, linhas de crédito rural, seguros, emissão de boletos, abertura de contas, retirada de cheques, entre outros. A diferença entre uma agência e a Cresol Une é que esta última não trabalha com depósitos ou saques, como é o caso da primeira, no entanto essa unidade cumpre um importante papel dentro do cooperativismo de crédito, onde ela dinamiza o contato entre os cooperados e a cooperativa, possibilitando assim a cooperativa “disputar” o público com as instituições financeiras convencionais. Segundo o Plano de Expansão da Cresol Encosta da Serra Geral¹, na Bahia especificamente na região Serra Geral, a cooperativa almeja a implantação de novas agências e Cresol Unes, visando criar mais capilaridade e solidez, o referido plano projeta até 2025:

- ❖ Abertura de Agências:
 - Guajeru;
 - Riacho de Santana;
 - Mortugaba.
- ❖ Abertura de Cresol Une;
 - Condeúba;
 - Rio do Antônio;
 - Urandi.

Como esta vasta ampliação dos trabalhos dentro da abrangência da cooperativa de crédito da Região Serra Geral-BA, esta pesquisa pautar-se como ferramenta afim de contribuir para consolidar essa base social, uma vez que ela poderá ser utilizada como material elementar em trabalhos de formação.

COOPERATIVISMO POPULAR E SOLIDÁRIO E A AGRICULTURA FAMILIAR

A Região Serra Geral na Bahia passou por um processo de organização comunitária, tendo a agricultura familiar como saída econômica a ser fortalecida através

¹ Documento analisado no decorrer da pesquisa.

da criação de cooperativas, constituindo assim base social por meio da educação popular que vem a se materializar por diferentes formas como vimos na seção anterior.

O cooperativismo é um movimento que busca trazer soluções para os problemas pautados por um determinado grupo social. Segundo Magri et al. (2010),

A cooperação como forma de organização por meio de cooperativas surgiu na Europa, na metade do século XVII. Seu grande objetivo era organizar as pessoas coletivamente a partir de interesses comuns, intervir em processos produtivos como forma de organização econômica, para melhorar os ganhos e conseqüentemente a vida das pessoas. O grande diferencial dessa forma de organização, desde o seu princípio, foi aliar a união das pessoas, criando uma consciência coletiva, com a organização produtiva, visando construir novas relações de trabalho e uma sociedade embasada nos princípios da solidariedade, em busca do bem-estar econômico e social (MAGRI et al, 2010, p. 17).

À vista disso, compreendemos o cooperativismo, como forma de união de pessoas em prol de objetivo(s) em comum, essa ação geradora resulta em trabalho coletivo visando a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos envolvidos, anseios estes baseados na corrente cooperativista Solidária e Popular.

A organização cooperativa, para além da expressão material, contém também expressões culturais, políticas e sociais que se somam aos interesses, objetivos e necessidades de seus associados e se fazem presentes no funcionamento de uma cooperativa. A dimensão cultural está nos valores, nas crenças, nas normas e costumes inerentes às práticas cooperativas (FRANTZ, 2012, p. 41).

Nos anos 2000, na região Serra Geral - BA os anseios dos movimentos de lutas do campo organizado através dos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais buscaram construir ferramentas que pudessem promover o desenvolvimento local e regional por meio da economia solidária, que se concretizou na criação de três cooperativas: COOMADAC - cooperativa mista com foco na organização da produção e comercialização, Ecosol Serra Geral- cooperativa de crédito e COOTRAF - cooperativa destinada a oferta de ATER, esse foi o projeto pensado e desenvolvido pela Agricultura Familiar da região e teve estrutura organizativa fomentada pela ADS/CUT criando assim o Complexo Cooperativo de Serra Geral.

Para a estruturação de uma cooperativa, especialmente no contexto das finanças solidárias, é fundamental a educação popular como processo de construção de pertencimento, que aqui é criado através do desejo comum na busca dos direitos. Em seu verbete Educação Popular, publicado no Dicionário da Educação do Campo Conceição Paludo explica:

A educação popular, em sua origem, indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos como formador, e também de voltar a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora. Para a educação

popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos que interfiram para transformar a realidade. Ela se constituiu, ao mesmo tempo, como uma ação cultural, um movimento de educação popular e uma teoria da educação. (PALUDO, 2012, p. 286).

No cenário da Região Serra Geral - BA, as dimensões educativas das práticas cooperativistas, que a educação popular aconteceu de forma participativa, sendo os espaços não formais como chão desta escola que tinha como principal molde a formação de agentes multiplicadores, dando assim capilaridade ao processo e criando e solidificando a base social dos movimentos do campo na região, diante disso podemos afirmar que dentro das dimensões educativas da cooperativa de Crédito da Região Serra Geral foi trabalhado a Educação Popular, pois suas práticas abordadas durante as entrevistas vão de encontro a narrativa trazida por Paludo.

A categoria econômica Agricultura Familiar foi oficializada pelo decreto nº 1.946 de 28 de junho de 1996, que regulamenta o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), o termo foi o mais próximo encontrado para designar boa parte da diversidade do campo existentes na época, a exemplo dos camponeses, pequenos produtores, arrendatários, parceiros, colonos, meeiros, assentados rurais e trabalhadores sem-terra. Desta forma através dessa conquista política os povos do campo podem utilizar deste instrumento na luta por direitos (NEVES, 2012).

Embora o PRONAF seja constituído através de lutas pautadas pelos movimentos do campo, no entendimento de Wanderley (2003, p. 03) “A idéia central é a de que o agricultor familiar é um ator social da agricultura moderna e, de uma certa forma, ele resulta da própria atuação do Estado”. No entanto, na atualidade a Agricultura Familiar que nasceu no passado, como porta de acesso a políticas públicas conquistada pela categoria, vai se consolidando e construindo sustentação na sociedade e se ressignifica como identidade de muitos povos do campo.

Na região Serra Geral o cooperativismo é desenhado como um instrumento de fortalecimento da agricultura familiar. Dentro desse projeto, germinaram três cooperativas, com frentes de atuações distintas, porém com o mesmo horizonte estratégico que era e é a promoção do desenvolvimento regional sustentável através da economia solidária. O modelo de desenvolvimento aqui almejado é sustentado na maximização da possibilidade de economia local, e tem como pilar a agricultura familiar. Para Locatell e Lima (2018),

Grande parte dos avanços da Economia Solidária, mesmo de forma pulverizada, está atrelado a sua proposta econômica baseada na propriedade coletiva, no estreitamento das relações interpessoais e na disseminação de

legítima democracia, gerando riqueza e renda pautada no princípio da solidariedade. Essa forma de organização se constitui no imaginário dos trabalhadores como “uma proposta superior ao sistema atual”, ao buscarem melhorar a qualidade de vida dos seus associados (LOCATEL e LIMA, 2018, p. 06).

Na Serra Geral o desenvolvimento traçado pelas três cooperativas dialoga com a concepção Locatel e Lima, logo, a categoria potencializada, a agricultura familiar tem a oportunidade de promover a mudança de paradigma, através do crédito, comercialização e dos serviços de ATER que não tem apenas como viés a produção, mas também a organização e formação de grupos da economia solidária e o direcionamento no acesso às políticas públicas para o campo.

Alinhada a esse propósito, a COOMADAC nos últimos anos através do acesso ao Programa Bahia Produtiva² vem intervindo no melhoramento da produção dos empreendimentos agroindustriais comunitários, com a finalidade de alcançar a comercialização desses produtos oriundos da Agricultura familiar, essa política pública se organiza da seguinte forma:

- Algumas associações estão acessando recursos por meio do edital 13 que tem objetivo a requalificação de suas agroindústrias;
- A COOMADAC está acessando recursos por meio do edital 10- Aliança produtiva, o recurso será distribuído em reformas de algumas agroindústrias comunitárias, construção de uma agroindústria central da cooperativa para beneficiamento de mandioca mansa e estruturas de logísticas.

Até aqui compreende-se a importância desse projeto para o resultado esperado que se completa com a disponibilidade do crédito para investimento na atividade. Assim, o objetivo se concretiza que é: o desenvolvimento regional com base na produção familiar, direcionado pela economia solidária articulado pelas cooperativas.

Na fase final de sistematização da pesquisa encontramos mais duas categorias que merecem ser aprofundadas em outros estudos: desenvolvimento solidário em contraponto ao conceito de desenvolvimento local sustentável, termo que vem sendo utilizado em

² O Bahia Produtiva é um projeto desenvolvido pelo Governo do Estado da Bahia, por meio da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR, empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural – SDR, e tem como agente financiador o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) por meio de empréstimo.

larga escala pelo grande capital para justificar a relação de exploração com os territórios rurais. O conceito de desenvolvimento solidário atrelado a economia solidária desvela a perspectiva contra hegemônica da cooperativa de crédito, dialogando profundamente com a Educação do Campo e a Educação Popular que permeiam as práticas educativas, nossa última categoria da pesquisa, constituidoras da ECOSOL e da CRESOL e, que será abordada a seguir.

AS DIMENSÕES EDUCATIVAS DAS PRÁTICAS COOPERATIVISTAS NA CRESOL SERRA GERAL

O resgate do processo e o contexto histórico em que se criou e consolidou a Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral- Ba nos possibilitou pensar de forma mais direta as dimensões educativas que contribuíram com a sua constituição. Para tanto, recorreremos aos autores Caldart (2021), Frantz (2012), Pereira (2015) e Silva (2001).

Nesta perspectiva, Pereira (2015, p.28) afirma que "as práticas educativas dos movimentos e das organizações sociais estão associadas às suas lutas e trajetórias que ora são realizadas nos contextos escolares ora nas marchas, nas mobilizações, nas assembleias, nas reuniões e nas formações políticas".

Na experiência analisada, as práticas educativas do cooperativismo na região Serra Geral - BA, aconteceram no contexto das mobilizações sociais em torno da expectativa da melhoria de vida por meio da economia solidária. E teve importante contribuição no processo educativos as formações realizadas pela ADS/CUT e SEMEAR e posteriormente a própria ECOSOL.

Trazemos para o diálogo inicial dois autores que discutem sob perspectivas diferentes, Caldart (2021) e Frantz (2012). A primeira no âmbito da Educação do Campo, área temática do PPGEDUCAMPO e, a segunda, uma das principais fontes de minha principal categoria de pesquisa.

Caldart (2021) diz que a Educação do Campo tem no seu âmago o diálogo com as especificidades da vida dos povos do campo, tendo por finalidade a transformação social e estrutural das condições de vida no campo. Isso se dá pela via da escolarização e pela formação para enfrentar as limitações impostas pela lógica do capital, tal como aconteceu na região da Serra Geral, resultando na criação da ECOSOL em 2002 e CRESOL em 2014.

Já Frantz traz uma dimensão mais prática dos processos educativos ao discutir os conceitos de educação e cooperação, descrevendo que

A organização da cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e potencializam-se, como práticas sociais específicas (FRANTZ, 2012, p. 84).

Deste modo, ressaltamos os processos educativos na Região Serra Geral-Ba que mobilizaram os povos do campo tendo por finalidade a transformação social e estrutural de suas vidas, como bem afirma Caldart, ao mesmo tempo em cumpriu o objetivo de consolidar um coletivo em torno da temática cooperativismo de crédito.

Na análise documental, em especial na leitura das Atas, encontramos a comprovação material de um processo que acompanhamos: a Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral da Bahia foi fundada no ano 2002, com 86 cooperados, vivenciando grandes dificuldades para se manter, a exemplo de perdas registradas no ano de 2008. Contudo, no ano de 2014, se credencia ao sistema Cresol 526 cooperados. São esses dados que nos permitem concluir que sempre houve um processo educativo capaz de mobilizar, construir apropriação, articular e manter coesa sua base social da Cresol, isso num contexto de interior com formações voltas inclusive para a emancipação.

Por isso, fomos atrás de compreender os processos de mobilização estruturados, principalmente, no sindicalismo que, já no início dos anos 2000 tinha uma base estabelecida regionalmente, e posteriormente recebe aporte de parceiros que estrutura e dão corpo ao movimento cooperativista.

Para Silva (2001), o trabalho de base é a organização popular através do diálogo onde estão os problemas da sociedade e/ou de determinado grupo social, na base, com objetivo de promover a participação massiva dos trabalhadores, visando a democratização do poder e buscando desenhar um novo projeto de sociedade.

Nesse contexto, fomos buscar compreender as dimensões educativas do Cooperativismo na Região Serra Geral - BA.

Como explanado anteriormente o cooperativismo nasceu regionalmente em um “terreno” já trabalhado pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, e as pautas em torno especificamente do cooperativismo de crédito teve como marco inicial as primeiras mobilizações fomentadas pela Agência de Desenvolvimento Solidário – ADS. A ADS é uma organização sem fins lucrativos, estrutura criada pela Central Única dos Trabalhadores – CUT em parceria com a Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho - UNITRABALHO, e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, em 1999, com apoio financeiro da

Foundation ICCO. Essa agência teve um importante papel na criação e no desenvolvimento do cooperativismo solidário na Região Serra Geral, como também em outras regiões da Bahia, como Joaquim Santos destaca em relação aos primeiros trabalhos de base formativa:

Mesmo antes de formar a cooperativa existia o chamado Projeto ADS, era Agência de Desenvolvimento Solidário, essa agência na verdade foi [...] o grande tutor para a criação das cooperativas, e o papel da ADS era justamente levar essa formação para aquelas pessoas que viesse a cooperar, então o projeto da ADS ela teve início antes da criação da cooperativa e deu um seguimento também pós criação da cooperativa, por que esse projeto na verdade, era o projeto que, fazia com que a gente tivesse condições de ir para as comunidades fazer o trabalho de base, que dava o combustível,[...] dava formação pra questão da comunidade e também dava o transporte alimentação, era o que fomentava na verdade a criação da cooperativa, [...] além da parceria que a gente ia com os sindicatos que dava o suporte[...] esses recursos dessa agência geralmente era vindo de órgãos né, porque naquele tempo não tinha o governo ainda, Lula, então esse recurso geralmente vinha de alguns fundos [...] (Entrevistado 01).

Quando questionado como se deu esses primeiros trabalhos dentro das comunidades, bem como o aporte para convencimento do público a vir se cooperar, Joaquim Santos explica

[...] a gente propagava nas comunidades que era a inclusão [...] dos agricultores, daquelas pessoas menos favorecidas que não tinham acesso, e realmente naquele período o acesso a banco não era tão fácil, [...] por mais que já existia o PRONAF naquele período, é... já existia algumas linhas de créditos, [...] era difícil ter acesso. (Entrevistado 01).

Joaquim menciona a inclusão e faz referências às agências bancárias afirmando que “a figura do gerente acabava assombrando as pessoas”, atrelado a esse aporte ele enfatiza o convencimento através da temática da economia solidária, enquanto agente gerador de desenvolvimento regional contrapondo os bancos, “o Bradesco por exemplo [...] essa economia ela não vai girar em torno do município, porque é um banco privado, então os rendimentos, os lucros eles iam pra fora”, essas comparações de fato dialogava com a realidade do povo que começava a compreender a cooperativa como algo diferente de uma banco, já Ivanete Silva conta que

Nesses trabalho de base em parceria com os sindicatos, a gente sempre falava do surgimento do cooperativismo de forma mundial até chegar a história de como surgiu a nossa cooperativa aqui, na região, é, abordava qual era a missão da cooperativa, como princípios, outro item a ser bastante enfatizado nas reuniões era sobre os deveres e direitos dos associados, assim como os princípios do cooperativismo, era sempre passado pra as pessoas, como também né, a questão que quem taria abrindo a conta na cooperativa, passava a ser dono da cooperativa né? então se a cooperativa fechasse com sobra, iria usufruir da sobra, mas se a cooperativa viesse a fechar com perda, os sócios de certa forma eles já tinham essa consciência, esse entendimento de como funcionava esse processo do cooperativismo de crédito. (Entrevistado 02).

Joaquim Santos traz a importância da mobilização social através dos sindicatos

os sindicatos tinham um papel mais atuante dentro da comunidade, então as pessoas tinha aquele vínculo, [...] tinha aquele carinho pelo sindicato, então quando falava em nome do sindicato, [...] as pessoas confiava bastante, e a gente costumava dizer- se o sindicato deu certo, então a cooperativa também vai dar certo, e essa coisa do que [...] a gente tava construindo um instrumento dele, e não era um instrumento de um dono. (Entrevistado 01).

Com essas narrativas a base era sustentada no sentimento de pertencimento, e essa reflexão de Joaquim corrobora com a fala de Ivanete que acrescenta “na maioria das vezes quem participavam dessas reuniões já eram pessoas [...] de famílias que já eram sindicalistas, associativistas e o trabalho também ele fluía de forma mais fácil né? certa forma já eram pessoas mais conscientizadas para esses movimentos sociais”. Outro ponto trazido por Joaquim é a representatividade, quando alguém chegava na cooperativa encontrava a figura de um agricultor, a frente do processo, “conversar com alguém assim era mais fácil do que você está num local como a gente chamava né, um local chique, então as pessoas acreditavam muito nisso”.

Durante as entrevistas, três colaboradores da pesquisa elencaram a importância de um processo de formação de gestores que teve na região Serra Geral, com nome Projeto Semear, ficou conhecido como Turma Permanente, e teve início em 2003 e contribuiu muito com a base social dos movimentos regionais, Luciene Ribeiro explica

A turma permanente ela nasceu a partir de uma discussão dos sindicatos, na época ainda não existia a FETRAF né, existia uma discussão pra criação da FETRAF, por que existia dentro do estado dois grupos né, sindical, que tinha aquele grupo ali mas ligado ao PCdoB que tava ligado a FETAG, e aí tinha o outro grupo né, da linha mais do PT que tava assim organizado na CUT, e aí dentro desse projeto ali sindical existia também coordenado pela FASE Bahia né, que é uma organização, é que criou-se ali um projeto chamado Semear né, esse era um projeto assim voltado pra trabalhar a parte de educação, educação no campo, educação de jovens né, e aí nessas discussões dentro dos sindicatos, aí nas surgiu né, a discussão das turmas permanente, porque assim a gente tinha nos sindicato assim um grande número de pessoas mais.. mais velhas né, na frente do sindicato, e ela nasceu nesse intuito de trazer os jovens, pra formar como liderança nos sindicatos, nas cooperativas [...] tinha uma turma aqui em Serra Geral, tinha uma turma no Oeste, [...] então assim foi um momento assim muito importante do movimento sindical, que é onde também tava ali nascendo a, todas as discussões né, das cooperativas dentro das turmas a gente discutia muito a questão da economia solidária, que no caso a ECOSOL ela é fruto dessa discussão sobre economia solidária, e cooperativismo, associativismo, e aí nasceu a ECOSOL né, com esse intuito de de facilitar o acesso a crédito, porque naquela época num tinha, as pessoas num tinha acesso a muitas políticas né, das que tem hoje [...] (Entrevistado 03).

Apesar do projeto Semear ser executado pela FASE, Luciene conta que os sindicatos contribuía com um valor referente ao número de representantes que participava da formação e acrescenta, “e aí finalizou essa turma, aí a gente teve mais uma

segunda turma, [...] dessas turmas muita gente aí foi para as cooperativas, foi fazer parte dos sindicatos né também”.

Joaquim Santos lembra um importante projeto desenvolvido no âmbito da cooperativa que foi o Projeto Saber Transformar, patrocinado pela PETROBRAS, e executado inicialmente pela ECOSOL nas suas duas primeiras edições, e por último, pela Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra (CEDITER).

Teve um período também[...] gente tava executando um projeto pela CEDITER, que é uma organização lá de Feira de Santana, é, que também era pra processo formativo voltado pra questão da cooperativa, cooperativa de crédito, foi no período que nós criamos a base, nós criamos uma base estadual, é, pra fomentar as três cooperativas, e através da base a gente fazia formação nas comunidades também, então esse projeto da CEDITER ele fomentou bastante ali a questão também da formação da cooperativa, [...] a gente não tinha uma entidade é, de formação mas ao mesmo tempo, a gente tinha várias, é, o movimento ele era bem mais atuante do que hoje, e aí esse projeto da CEDITER ele levou também essa questão da formação, [...] era pouco o recurso mas não ficava sem, sem alguém pra fomentar ali o processo de formação, e era todo muito empolgante naquele período, sindicatos fortes né, as organizações fortes, a discussão da FETRAF ali também naquele período já estava avançada[...] (Entrevistado 01).

Outra ação desenvolvida na Região Serra Geral foi o Projeto Agentes Multiplicadores de Assistência Técnica e Extensão Rural- AMA, Edgar Filho descreve

O Projeto AMA ele nasceu através dos pensadores da FETRAF-Ba né, em especial a Joeleno, aonde pensou em fortalecer a base de uma forma que gerasse ocupação e renda para jovens e mulheres do campo, em praticamente todos os territórios do estado da Bahia, assim o projeto AMA foi dividido em três entidades: FETRAF, COOTRAF E FASE-Ba, a onde os Agentes Multiplicadores de ATER eles eram escolhidos nas comunidades pela própria associação com o apoio do sindicato, de esses agentes ele recebia uma orientação técnica de um técnico, contratado pelas entidades e também recebia orientação técnica de um agrônomo, também da entidade, e aí o Agente Multiplicador de ATER ele era responsável de 20 a 22 famílias pra prestar uma assessoria técnica qualificada e pra isso ele recebia uma bolsa num valor simbólico, uma bicicleta pra se locomover nas comunidades e recebia um kit de unidade de produção familiar, esse kit ele poderia ser de apicultura, caprinovinocultura, de fruticultura ou de avicultura. Esse kit era implantado na unidade de produção familiar do jovem, e a ideia do kit além de segurar o jovem no campo, gerando ocupação e renda, ele também servia de modelo pra comunidade, pra comunidade também tá ampliando quem quisesse através dos créditos que os AMAs também eram responsável de um dos técnicos de proporcionar, junto a Ecosol, Banco do Brasil, Banco do Nordeste para também implantação, então era o kit modelo que ficava na comunidade gerando ocupação e renda para esse jovem, e os jovens replicava tudo que era aprendido para 20 famílias, então foi um projeto exitoso, com duração de mais ou menos 3 anos de 2008 a 2011, teve atuação aí em vários territórios[...], e além do, das visitas tinha intercâmbio, tinha laboratório, tinha as reuniões mensais[...] (Entrevistado 04).

Neste contexto do Projeto de ATER apresentado por Edgar tem sua importância reforçada na fala de Joaquim que acrescenta, “a gente aproveitava a carona com tudo né, ia pra comunidade falar do Projeto AMA mais a gente já aproveitava ali e levava como sempre

a [...] a Ecosol, falava do banco que a gente tinha criado, e naquela empolgação do projeto ali nas comunidades”.

Joaquim afirma que hoje em suas reflexões ele costuma dizer

nós era vendedores de ilusão, do que até nós mesmo às vezes tinha dificuldades de, de acreditar, é, naquilo ali que agente tava vendendo, mas a gente ia sem medo, ia pra comunidade, e vendia todo esse pacote de serviços que a gente não tinha, esse pacote de informações, esse pacote de inclusão, que na verdade a gente sonhava mas não tinha. (Entrevistado 01).

Deste modo, o processo para a criação da CRESOL na Região Serra Geral-BA, partiu de princípios da educação popular, pautando a construção do cooperativismo de base solidária e popular, impulsionado: primeiro- pelo sentimento de pertencimento com o projeto, uma vez que essa construção dialogava com a realidade vivida pelos agricultores e agricultoras familiares envolvidos, segundo- pela representatividade, garantida pela autogestão, ou seja uma cooperativa que em vez do banco que tem um “gerente engravatado” e atende de forma hierárquica, ser gerida pelos próprios agricultores o que traz segurança e confiabilidade e terceiro- pelos processos formativos populares, embasado nos princípios da economia solidária e popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa podemos compreender as dimensões educativas de lutas e (re)existências da Cooperativa de Crédito da região Serra Geral -Ba, bem como dar evidência a luta do cooperativismo na região, este estudo agora concluído, constitui-se como um instrumento de formação para o quadro de diretores, colaboradores e cooperados, com capacidade de estimular e ampliar o do sentimento de pertencimento destes, na busca de solidificar a base da cooperativa acerca da sua importância enquanto instrumento cooperativo Solidário e popular.

Diante do caminhar, a pesquisa apontou para o debate a respeito da trajetória da Cooperativa de Crédito da Região Serra Geral-Ba, bem como suas dimensões educativas de lutas e resistências. E as fontes de evidências fundamentais deste estudo, elucidaram um processo de desenvolvimento de uma base social a qual sustentou a cooperativa até a atualidade.

A cooperativa de Crédito foi criada no âmbito de um projeto coletivo buscando atender as especificidades da agricultura familiar, sendo esta categoria a ser

potencializada na busca de promover o desenvolvimento local através da economia solidária. Sobre a ótica desse objetivo as mobilizações iniciaram antes da criação da cooperativa, sendo direcionadas pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais que nos anos 2000 tinham boa base popular. Desta forma, o estudo mostrou a importância do trabalho de base para a construção e sustentação de um coletivo em torno de um projeto popular, como também evidenciou que os processos formativos foram desenvolvidos com raízes elementares da Educação Popular.

Na perspectiva da Corrente Cooperativista Solidária e Popular, o cooperativismo é um projeto contra hegemônico, no entanto, se esbarra nas relações comerciais, sendo o mercado uma ferramenta essencial do capital, diretores, colaboradores e cooperados necessitam de constantes processos formativos acerca da economia popular solidária que é o horizonte da criação das cooperativas na Região Serra Geral - BA, sem esse processo a vida das cooperativas está fadada ao fracasso, o fracasso na perspectiva da perda do horizonte, isto é, não apenas do ponto de vista de sustentabilidade financeira, mas como também da autogestão ponto crucial na economia solidária, pois ao contrário disso a cooperativa estará aplicando o molde das empresas capitalistas, desviando assim do propósito a que foram criadas.

Diante do debate em torno do cooperativismo na Região Serra Geral - BA, fica notório o potencial que as três cooperativas: COOMADAC - comercialização, Cresol - Crédito e COOTRAF- ATER, tem em proporcionar o desenvolvimento local com base na economia solidária, através da produção agropecuária familiar. Para tanto é necessário a retomada do trabalho de base, estimulando assim a ampliação do sentimento de pertencimento da população local para com esses instrumentos, fator imprescindível para o fortalecimento da sua base social, e esta pesquisa tem como finalidade contribuir com esse objetivo, que é resumidamente orientar o crescimento das cooperativas que entendemos que deve ser atrelado a uma estrutura de participação popular a fim de garantir a melhoria na condições de vida dos povos do campo.

Enquanto povo do campo, que no passado se desafiou a construir cooperativas, e por acreditar na luta pela educação como direito, e hoje dentro de um programa de mestrado, nos resta, direcionarmos essas conquistas em algo que possa potencializar todas essas lutas já vividas pelos “nossos” até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- Agência Desenvolvimento Solidário. **Histórico.** Disponível em:<<https://www.desenvolvimentosolidario.org.br/institucional>> Acesso em 21 de setembro de 2021.
- AMARAL e FERREIRA. **A formação do complexo cooperativo de Serra Geral na Bahia como forma de desenvolvimento local e sustentável.** São Paulo-SP: Mundo do Trabalho Contemporâneo, 2017.
- BAHIA. CEDIR. **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável da Região Serra Geral- PDRS Serra Geral.** Disponível em: <https://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/BAHIA_PDRS-SERRA-GERAL.pdf > Acesso em 30 de abril de 2021.
- BRASIL. Banco Central do Brasil. **Resolução nº 4.284. De 5 de novembro de 2013.** Aprova o Estatuto e o Regulamento do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop) e estabelece a forma de contribuição. Brasília, DF, 05 dez. 2013.
- CALDART, R. S. **Educação do Campo e Agroecologia.** Rio de Janeiro/São Paulo: Dicionário da Agroecologia e Educação, 2021.
- CALDART, Roseli Saete et al. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Expressão Popular, 2012.
- CRESOL. Encostas da Serra Geral. **Plano de Expansão.** Santa Rosa de Lima, SC, 2021.
- CRESOL. Encostas da Serra Geral. **Relatório da Comissão Mista de Incorporação.** Santa Rosa de Lima, SC, 2017.
- ECOSOL Serra Geral. **ATA Sumária de Assembléia Geral Extraordinária.** Caculé, BA, 2014.
- ECOSOL. Serra Geral. **Histórico.** Caculé, BA, 2010.
- FRANTZ, W. **Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária.** Ijuí, RS: Unijuí, 2012.
- GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Plano Editora, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 1.
- GIL, A. C. **Como Classificar as Pesquisas.** Salvador, BA: Faced, 2008.
- GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa- Tipos Fundamentais.** São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995.
- KOLLING Et al. **Educação do campo: identidade e políticas públicas.** Brasília- DF. Articulação por uma Educação do Campo,2002.
- LOCATEL E LIMA. **Do Cooperativismo à Economia Solidária: Normatização e Dinâmica Econômica no Campo Brasileiro.** Barcelona: XV Coloquio Internacional de Geocrítica Las ciencias sociales y la edificación de una sociedad post-capitalista, 2018.
- MAGRI et al. **Cooperativismo De Crédito Solidário: reflexões e boas práticas.** Passo Fundo:IFIBE,2010.
- NEVES, D. P. **Agricultura Familiar.** Rio de Janeiro/São Paulo: Dicionário da Educação do Campo, 2012.
- PEREIRA, E, S. **“Uma andorinha só não faz verão”: limites e possibilidades das Práticas Educativas da Articulação Semiárido Brasileiro na Microrregião de Guanambi/Bahia.** Amargosa- Ba: UFRB, 2015.
- Portal do Cooperativismo Financeiro. **Legislação e Gestão.** Disponível em:<<https://cooperativismodecredito.coop.br/legislacao-e-gestao/capital-social/>> Acesso em 07 de outubro de 2021.

SILVA, R. P. **A Retomada do Trabalho de Base**. São Paulo- SP: Cartilha nº 4 da Consulta Popular: “Trabalho de base”. 6ª ed. 2001.

SILVA, S. P. **Economia Solidária e Finanças de Proximidade: Realidade Social e Principais Características dos Empreendimentos de Finanças Solidárias no Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: IPEA, 2017

SILVA, Z. R. **Trabalho, Cultura e Sobrevivência no Alto Sertão Da Bahia**. Vitória da Conquista- Ba: IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BA História: Sujeitos, Saberes, 2008.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2002.

VELLOSO, T.R. **A trajetória do movimento cooperativista: da vertente de controle estatal para instrumento de promoção de desenvolvimento territorial**. Feira de Santana/Bahia, O Mundo Rural na Bahia: Democracia, Território e Ruralidades, 2016.

WANDERLEY, M. N. B. **Agricultura Familiar e Campesinato: rupturas e continuidade**. Rio de Janeiro- RJ: Estudos Sociedade e Agricultura, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.